

Editorial Volume 11 Número 1 Junho de 2016

As constantes transformações no modo de projetar objetos, edifícios e cidades não decorrem diretamente das mudanças tecnológicas e organizacionais dos meios de produção. Seria mais fácil entendermos o ato de projetar se tal relação fosse de mera causa e efeito. Não o sendo, entramos em um emaranhado de métodos e práticas decorrentes de diferentes campos do conhecimento que exigem o exame atento para que sejamos capazes de nos situarmos. Esta edição procura trazer subsídios para tal exame com foco na formação profissional.

Parte-se, obviamente, do projeto como prática que não se restringe aos arquitetos urbanistas e sua densa cultura disciplinar formada historicamente. O projeto aqui é transdisciplinar, abrangendo diversas áreas profissionais que produzem o ambiente construído. O foco é um exame dos processos de ensino-aprendizado em cursos de Arquitetura e Urbanismo, Design e Engenharia, apresentando questionamentos, experiências e reflexões sobre as práticas inovadoras de ensino-aprendizagem.

Neste âmbito, esse número da revista reforça seu caráter multidisciplinar pela proposição do tema e por provocar discussões sobre os processos de transformação do ensino-aprendizagem, de suas formas de organização e prática. Nesse sentido, é surpreendente a diversidade de referências teóricas e de métodos agenciada em uma prática que, por receber uma mesma denominação – “projeto” – aparenta ser sempre a mesma em áreas diversas.

Entre os artigos aqui selecionados, predomina o problema das transformações do projeto pelas técnicas de informação digitais. Ainda que elas tenham se iniciado no Brasil ainda na década de 1980, com a popularização dos programas CAD, os novos paradigmas da parametrização *Building Information Modeling* (BIM) – em português, Modelagem da Informação da Construção – ainda tensionam a relação entre projeto e cadeia produtiva. Seus impactos nos processos de criação da forma, tradicionalmente entendidos como subjetivos, ainda desafiam a avaliação de professores e alunos.

O artigo de Cristiane Ellwanger, Vinicius Nunes Rocha e Souza, Alexandre dos Santos Roque, Underléa Miotto Bruscato e Régio Piere da Silva, “Experiência e parametrização no processo de projeto de aplicações digitais interativas”, abre o conjunto de artigos. Nesse primeiro ensaio, impõem como pauta os delineamentos e práticas de design, demonstrando como a prototipação pode se beneficiar da parametrização na concepção de sistemas computacionais. O método de análise para a qualificação do processo projetual é estabelecido por meio do entendimento de conceitos que permeiam os contextos experienciais e interacionais (imersão), na estruturação de ideias (ideação) que delineiam uma solução passível de implementação (prototipação) e na sua posterior validação.

Neste primeiro conjunto de discussões, Marcos Martins Borges aventa as questões sobre os atuais paradigmas de representação e desenvolvimento de projeto de produtos vinculados aos processos de ensino e aprendizagem da expressão gráfica. O autor busca compreender e aplicar os conteúdos de representação gráfica e a prática de projeto. Nesse sentido, o artigo ratifica a importância do uso de modeladores tridimensionais paramétricos no contexto das metodologias de ensino e aprendizagem de representação gráfica e raciocínio espacial no processo de projeto.

Numa reflexão complementar e de adesão às teses apresentadas nos dois primeiros artigos, Luis Henrique Alves Cândido, Suzane Miritz e Jéssica do Canto Pureza defendem a prática pedagógica orientada pela integração do projeto virtual e sua análise física. Para tanto, eles destacam que a aplicação de práticas construtivas pode ser orientada pela fabricação de modelos, protótipos e maquetes.

O resultado aponta para a relevância da integração de processos tecnológicos com práticas manuais, proporcionando um fluxo contínuo e dinâmico de aprendizagem orientada para a resolução de problemas funcionais e construtivos.

Os artigos subsequentes abordam a qualificação e fortalecimento de processos de projeto de arquitetura. Com o artigo “Dinâmicas que ensinam: a metodologia de projeto no ensino da arquitetura”, Daniel de Carvalho Moreira, Doris Catharine Cornélie Knatz Kowaltowski e Renata Maria Geraldini Beltramin discutem dinâmicas de ensino dentro de disciplinas de graduação e pós-graduação, ressaltando que as dinâmicas para análise de projeto estimulam novos pontos de vista e oferecem alternativas ao projetista na resolução de problemas.

Maria Fernanda Andrade Saiani Vegro contribui com o artigo intitulado “O acordo entre o sensível e o inteligível”, que identifica a perda da capacidade de percepção e sensibilidade visual pelos estudantes que preferem a busca por respostas rápidas de projeto. Aqui, através da fenomenologia do filósofo Merleau-Ponty, a autora procura desenvolver com os estudantes sua capacidade de pensar nas escalas do edifício, da cidade e da paisagem.

Paulo Barros reflete sobre uma experiência inovadora que prioriza o desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes. Questionando os limites da rígida estrutura hierarquizada do ensino, o artigo descreve os esforços de construção de um ambiente de ensino-aprendizagem mais horizontal.

Rheingantz nos convida a aprofundar o dilema entre o analógico e o digital como ferramenta de concepção e comunicação de projeto arquitetônico. Sua abordagem pretende superar as frequentes listas de vantagens e desvantagens do uso da informatização no processo projetual apontando que este confronto é uma falsa questão.

Barison e Santos apontam a necessidade de ensinar novas habilidades tecnológicas nos cursos de arquitetura e urbanismo e especificamente qual seria o papel do arquiteto em empreendimentos desenvolvidos com tecnologia BIM. A partir do detalhamento de um modelo teórico de fluxo de trabalho com tecnologia BIM, os autores apresentam a inserção do arquiteto nessas etapas e um quadro com os conhecimentos, habilidades e atitudes exigidos para tal. A partir desse perfil de arquiteto, discutem a inclusão do BIM em disciplinas e conteúdos dos cursos de arquitetura e urbanismo no Brasil.

Voltado à introdução ao urbanismo no início de um curso, Peixoto Vianna e Barros Cavalcanti questionam a predominância de visões universais em detrimento ao conhecimento local, e esse desbalanceamento seria responsável pela perda da relevância social dos arquitetos urbanistas.

O conjunto de artigos aqui reunidos permite uma contribuição ampla e consistente para o debate de diferentes concepções de ensino-aprendizagem presentes na formação de profissionais responsáveis pelo ambiente construído.

Eugenio Merino
Renato Anelli
Tomás Moreira
Editores